

A PRÁTICA PEDAGÓGICA NA ESCOLA: REPRODUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS SEXUAIS.

Fabiana Cristina de Souza

Faculdade de Ciências e Letras- UNESP/ Araraquara

Introdução

Considerando que a percepção dos papéis sexuais faz parte do processo de socialização da criança e que esta acaba assumindo crenças, habilidades, comportamentos e atitudes de acordo com o seu sexo, este estudo teve como objetivo investigar em que medida os estereótipos de papéis sexuais estão afetando as crianças e como elas estão reagindo aos mesmos. Buscou-se ainda verificar os estereótipos dentro do contexto social para se entender em que sentido a prática pedagógica da professora pode contribuir para uma socialização diversificada de meninos e meninas.

Existem várias definições e reflexões na literatura sobre os estereótipos. Tajfel (apud, Beraldo, 1993) apontou o estereótipo como uma imagem mental supersimplificada de alguma categoria de pessoa, evento ou instituição. Para o autor, é fundamental observar os estereótipos dentro do contexto social, uma vez que eles são compartilhados por um grande número de indivíduos e são organizados através de relações entre os grupos sociais. Neste sentido, os estereótipos surgem no momento em que ocorre uma incorporação entre a estrutura contextual e o modo como as pessoas devem se adaptar na sociedade. As funções sociais representadas pelos estereótipos são ampliadas para os estereótipos sexuais.

A família é a primeira instância socializadora de meninos e meninas. Os estereótipos sexuais considerados adequados pelos pais são comunicados desde o momento em que o bebê nasce, através da cor que é vestida, dos brinquedos que ganha, dos comportamentos que é estimulado a ter e das respostas que aprendeu a retribuir. Assim, os meninos e as meninas vão sendo regulados a desenvolver papéis sexuais diferentes.

Além disso, muitos sentimentos como a sensibilidade, a paciência, são bloqueados nos meninos. Por isso, quando crescerem vão ter a maior dificuldade de expressar este tipo de sensibilidade (Whitaker, 1995). De acordo com a autora: “não é fácil romper com modelos prevalecentes, principalmente porque no seio da família foram usados métodos

altamente eficientes para produzi-los. Temos nela um formidável processo de “programação” dos pequenos atores sociais : meninos agressivos, ativos, rebeldes x meninas meigas, passivas, suaves”(p.38).

Outra questão importante é que os pais vivem em uma comunidade, possuem, praticam uma religião, têm seus valores. Assim, a educação do filho ou da filha vai ser reflexo de toda essa estrutura e tudo o que eles aprendem, sabem, vivenciam e acreditam vão ensinar para os filhos.

Este estudo está baseado numa perspectiva de cunho etnográfico, realizado em dois momentos. Num primeiro momento foi feito um questionário com os pais de alunos das escolas observadas; num segundo momento foram realizadas observações da prática pedagógica das professoras e aplicado um questionário às mesmas, para detectar do seu ponto de vista se elas consideram que suas ações diferenciam meninos e meninas.

O questionário que se aplicou aos pais permitiu perceber como os estereótipos sexuais são transmitidos às crianças. Para a análise das questões fechadas (“sim/não” e “meninos/meninas”) foram tabuladas as respostas de cada um dos pais. Os dados agrupados das respostas dos pais encontram-se nos gráficos.

Com relação à questão 1, do questionário aplicado aos pais, “Pai deve participar das tarefas de casa? Por quê?” (Gráfico 1), observa-se que 86% dos entrevistados responderam que os pais devem participar das tarefas de casa, sendo que nenhum dos entrevistados respondeu que os pais não devem participar e 14% não responderam.

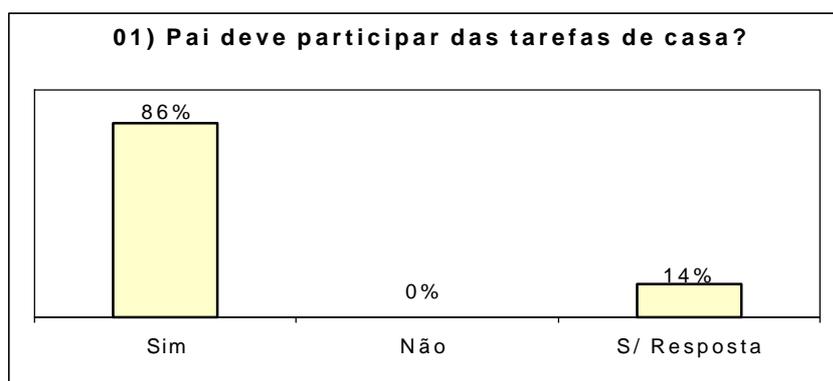


Gráfico1: Questões aplicadas aos pais de alunos, no período de abril de 1999, com 22 repetições.

Os pais justificam suas respostas dizendo que é importante que o pai ajude na tarefa de casa para que acompanhe o desenvolvimento de seu(a) filho(a) pois tem a mesma responsabilidade que a mãe. Além disso, algumas mães colocam que o pai precisa experimentar o serviço de casa para valorizar o trabalho da esposa.

Nesta questão, “Você acha que os meninos e as meninas têm atitudes diferentes? Por quê?” (Gráfico 2), nota-se que 68% dos pais acreditam que os meninos e as meninas têm atitudes e comportamentos diferentes. Apenas 18% responderam que não e 14% não responderam.

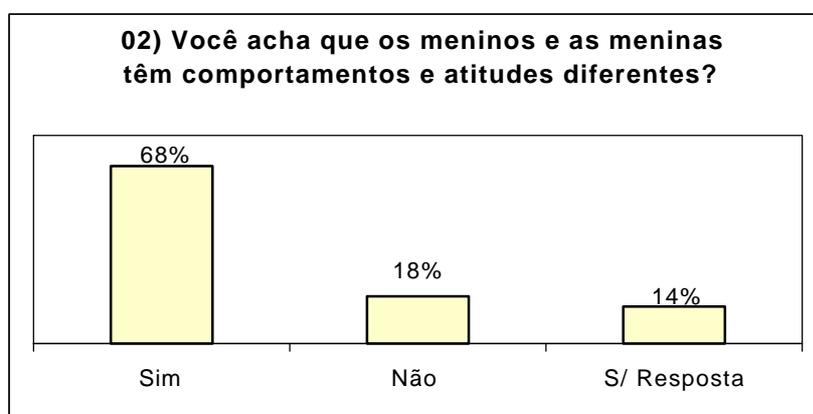


Gráfico2: Questões aplicadas aos pais de alunos, no período de abril de 1999, com 22 repetições.

Os resultados apontam, segundo os pais, que os **meninos são agressivos, nervosos, levados, esportistas e duros, enquanto que as meninas são passivas, caseiras, educadas, calmas, comportadas e frágeis.**

Na pergunta “As crianças devem ajudar nas tarefas domésticas? O que os meninos e as meninas podem fazer?” (Gráfico 3), percebe-se que 82% dos pais responderam que as crianças devem ajudar nas tarefas domésticas, 4% dos pais responderam que não devem e 14% não responderam.

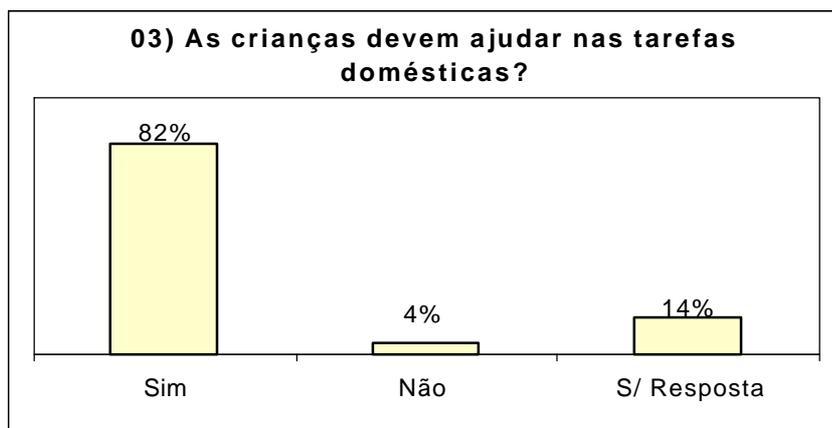


Gráfico 3: Questões aplicadas aos pais de alunos, no período de abril de 1999, com 22 repetições.

Os pais explicam que os meninos podem lavar o quintal, guardar os brinquedos e arrumar a cama. Já as meninas devem arrumar a cozinha, guardar a louça e varrer a casa. Um dos pais respondeu que **“as meninas devem ajudar em tudo em casa e os meninos só se tiverem vontade”**.

Com relação à questão 4, “É mais fácil educar meninos ou meninas? Quais os problemas que aparecem?” (Gráfico 4), observa-se que 4% dos pais responderam que é mais fácil educar meninos, 18% responderam que é mais fácil educar as meninas, enquanto que 64% dos pais responderam que é igual e 14% não responderam.

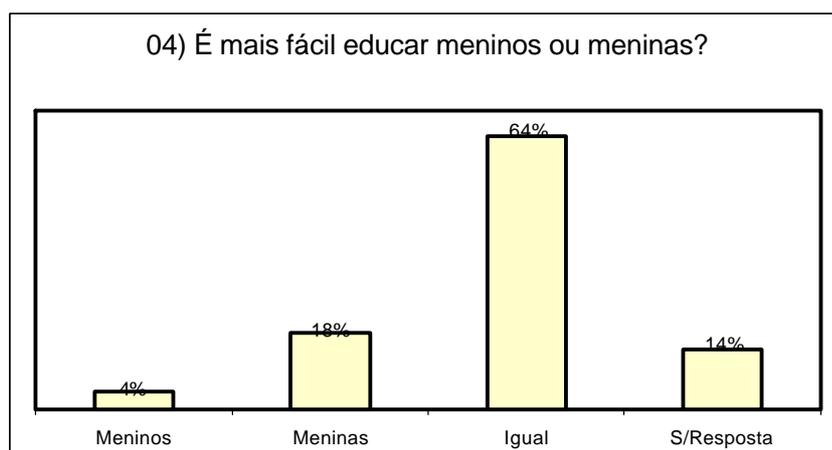


Gráfico 4: Questões aplicadas aos pais de alunos, no período de abril de 1999, com 22 repetições.

Poucos pais justificaram suas respostas. Os que responderam disseram que as meninas são mais quietas e mais obedientes, colocando que é igual educar diferentes sexos mas que cada um tem seu problema.

Diante destas considerações, observa-se que modelados pela família, os meninos e as meninas vão correspondendo às expectativas esperadas. Essas diferenças de papéis sexuais, apesar de atualmente terem ocorrido grandes mudanças, ainda se perpetuam na educação das crianças.

A prática pedagógica das professoras e os reflexos das diferenças entre meninos e meninas.

De um modo geral, na observação do trabalho das professoras (foram observadas a prática docente de duas professoras, uma de primeira série e uma de pré-escola), percebe-se um grande esforço da parte da professora da primeira série para socializar tanto os meninos quanto as meninas. Nas atividades em grupo a professora procura integrar os alunos e as alunas para que trabalhem juntos. No entanto, deve-se chamar a atenção para dois aspectos, com relação ao trabalho desta professora: o primeiro diz respeito à prática pedagógica, que apresenta o procedimento de se dispor a proporcionar uniformidade de condições na educação dos meninos e das meninas, o que permite inferir uma consciência de igualdade de sua parte, ao garantir tratamento não diferenciado para os dois sexos. Apesar dessa intencionalidade, que na maioria das vezes se processa no nível simbólico, percebe-se que ao construir sua prática docente, a professora acaba reforçando padrões de comportamento diferenciado para meninas e meninos, indicando, mesmo sem o perceber, atitudes que cada um deve ter. O segundo ponto é que existe uma relação de contradição no saber/ fazer construído dia-a-dia pela professora. Ao mesmo tempo que ela tem convicção de estar tomando cuidado ao elaborar e realizar suas atividades, na hora de exigir um comportamento dos seus alunos, sua atitude é outra. Neste sentido, a professora acaba perpetuando mecanismos reprodutores de desigualdades dos papéis sexuais.

As observações realizadas na pré-escola mostraram claramente uma distinção entre brinquedos e brincadeiras de meninos e meninas. Numa situação, onde um menino começou a chorar porque outro tinha pego o seu brinquedo, a professora disse ao menino que ele não devia estar chorando porque era homem e **“homem não chora”**. Assim,

transmitiu ao menino a idéia de que ele não pode demonstrar seus sentimentos e emoções e acima de tudo, não deve chorar.

Observando os procedimentos de ação da professora da pré- escola, é possível pensar que no processo de construção de sua prática ocorre uma ausência de conduta que forneça condições para uma aprendizagem igualitária. Pelas sucessivas comparações que são feitas entre meninos e meninas percebe-se um estímulo discriminatório de sua parte, sendo possível notar que a professora também produz e reproduz estereótipos sexuais e condiciona os alunos a emitirem respostas que são desejadas por ela.

De acordo com os dados analisados e da caracterização do perfil das professoras, uma questão fundamental que aparece, tanto na prática educacional da professora da primeira série, quanto da professora da pré- escola, é que não existe um conhecimento objetivo sobre os estereótipos sexuais. No limite, o que se constata é que ambas as professoras refletem processos de educação que tendem a emitir dos alunos respostas comportamentais e corporais, o que acaba reproduzindo formas estereotipadas que limitam suas perspectivas em relação às crianças, que acabam sendo “adestradas” para aprender como devem ser e o que podem fazer se forem meninos ou meninas.

O papel da escola e a posição das professoras em relação à estereotipia sexual.

A prática pedagógica das professoras abrange uma rede de relações onde muitas questões precisam ser levantadas e investigadas, pois delas depende o redimensionamento do trabalho pedagógico das educadoras.

Convém ressaltar que a sociedade como um todo, principalmente a escola, acaba infiltrando o processo de discriminação sexista, estabelecendo concepções que são vistas como “verdadeiras”, “naturais” e existe toda uma estrutura, na qual a família, religião, escola, meios de comunicação, etc., estão envolvidos, determinando ações e conceitos que atuam como verdades absolutas e que reproduzem os estereótipos sexistas.

Mello (1975) aponta que : “(...) as meninas se ajustam melhor à situação escolar porque a escola, como instituição, valoriza comportamentos que a menina desde muito cedo, na família, já aprendeu a apresentar: dependência de aprovação aos outros, passividade, obediência. (...) Enquanto a escola para a menina é como a “sopa no mel”, para o menino ela se torna mais uma área de exercício de sua auto identidade” (p.143).

Os comportamentos masculinos e femininos vão ser afirmados com maior ou menor ênfase na situação escolar e o efeito deste estereótipo vai conceber uma atitude da professora no sentido, de socializar os padrões de comportamento que ela considera apropriado para cada sexo.

Conclusão

Os estereótipos são vistos como um fato que se encontra intimamente ligado ao conjunto de circunstâncias em que as pessoas percebem os outros. Assim, os estereótipos de papéis sexuais têm como fundamento a idéia de que existem opiniões socialmente compartilhadas sobre os atributos que distinguem homens e mulheres.

A construção da prática da professora é influenciada por todo um conjunto de processos que agem no contexto social. Assim, sua cultura, seus conhecimentos, a educação que as crianças recebem na família, são elementos que acompanham o trabalho da educadora e possibilitam a criação de determinadas expectativas em relação aos alunos.

Neste contexto, vai-se operando um processo que imprime as marcas sociais nas crianças, definindo que as meninas devem ser delicadas, comportadas, vaidosas, elegantes, frágeis e os meninos devem ser ativos, autoritários, esportivos e agressivos.

Este processo é fortemente enraizado no ambiente familiar. Os estereótipos sexistas são inculcados nas crianças sem que os pais se dêem conta disso. Diante destas considerações, a escola torna-se um local privilegiado para se detectar e pensar os estereótipos sexuais, pois foram constatadas a presença e a determinação de atitudes estereotipadas.

Nesta vertente, a professora é vítima desse processo pois, desconhece a eficiência dos estereótipos. O desafio colocado neste momento diz respeito a uma conscientização e reflexão da professora sobre sua própria prática e principalmente, sobre a consolidação dos estereótipos de papéis sexuais. Mas este é apenas um aspecto. Seria necessário em primeiro lugar que a escola assumisse esta questão, rompendo com o silêncio e criando condições para que os conflitos e contradições sejam discutidos. A aceitação desta medida implica ainda que este tema seja incorporado no currículo da escola e nos cursos de formação docente.

Considerando estas constatações, o que foi exposto talvez e, em parte, explique este processo. Porém, muitos caminhos e questões que não foram investigadas, precisam ser reconhecidas e consideradas. Evidencia-se então, a necessidade de que as diferenças e os estereótipos de papéis sexuais na relação professora- aluno sejam melhor estudadas.

Bibliografia

- ANYON, J. Interseções de gênero e classe: acomodação e resistência de mulheres e meninas às ideologias de papéis sexuais. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n.73, p.13-25, maio, 1990.
- BERALDO, K.E.A., *Gênero de brincadeiras na percepção de crianças de 5 a 10 anos*, São Paulo, 1993. 125p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Experimental)- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.
- COMIOTTO, M. S.; ORMEZZANO, G.R. (orgs.) Libertação das normas culturais e auto-imagem da mulher educadora. PUCRS, *Educação*, Porto Alegre, ano XX, n.32, p.137-150, 1997.
- COSTA, A.C.S. *Estereótipos de gênero e identidade social: uma análise em termos de estrutura e conteúdo*. São Paulo, 1986. 102p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Experimental) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.
- GRACIANO, M. Aquisição de papéis sexuais na infância. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n.25, p.29-98, junho, 1978.
- _____ Homem- Mulher: por que polarizamos os sexos? *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n.26, p.93-8, setembro, 1978.
- MELLO, G.N. de. Os estereótipos sexuais na escola. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n.15, p.141-144, dezembro, 1975.

- PARAÍSO, M.A. Gênero na formação docente: campo de silêncio no currículo. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n.102, p.23-45, novembro, 1997.
- SANTOMÉ, J.T. A discriminação sexista nas instituições escolares: meninos visíveis e meninas invisíveis. *O Curriculum Oculto*, Porto: Editora, p.153-165, 1995.
- SPARTI, S.C.M. Construindo a identidade masculina e feminina. *Revista de Estudos Universitários*, Universidade de Sorocaba, n.1, v.21, junho, 1998.
- WHITAKER, D.C.A. Menino-Menina: sexo ou gênero? Alguns aspectos cruciais. In: SERBINO, R.V.; GRANDE, M.A.R. de L. (orgs.). *A escola e seus alunos: estudos sobre a diversidade cultural*, São Paulo, EDUNESP, p.31-52, 1995.

